

Editorial

As páginas iniciais de *Camilo Mortágua* (1980), de Josué Guimarães, mostram o protagonista, em sua velhice, abandonado, só e empobrecido, em meio aos movimentos do golpe de 1964, sem a nada compreender, às margens tanto da própria vida, quanto da história em fluxo:

Camilo notou que vinha do bairro para o centro uma algazarra muito grande, viu que eram jovens que empunham faixas e cartazes, gritavam coisas que ele não conseguia entender. [...] De repente a marcha estancou e houve correria desenfreada para todos os lados, vitrinas estilhaçadas pelos fugitivos, bombas de gás na testada e nos cerra-filas, policiais fardados munidos de grandes escudos transparentes e que batiam em homens e mulheres. A sirena de muitos carros e a girândola de luzes das camionetas militares e logo depois de toda aquela confusão serenou de vez, silêncio total, a volta à solidão com a qual ele sempre sonhava quando lhe ocorria muito forte a memória dos irmãos e dos filhos, da mulher, da vida de antigamente. (GUIMARÃES, 1980, p. 25).

O desconhecimento do herói sobre o que ocorre, contudo, não é o desconhecimento do narrador, que sabe muito bem o que de desastroso se prepara ao país. Sabe sobre a história que narra sobre a repressão que se aparelha, sabe que a liberdade entrará em crise, e sabe que seu leitor também conhece os deslocamentos da política representada pelos conflitos que surgirão com uma longa ditadura a se anunciar. Assim, leitor e autor se olham e lamentam por Camilo, da mesma forma, como o olhar do autor pode dar mais um sentido ao que se narra: ao leitor também resta lamentar por si quando se encontra às margens das importantes decisões políticas que sempre o cercam e cercarão.

A obra de Josué Guimarães tem muito dos movimentos de seu contexto. Josué escrevia com urgência sobre as questões de seu tempo. Há, porém, um traçado diferenciado nessa urgência. Ela volta e meia migra para outro período da história, quando males retornam, perigos se reapresentam, e a sociedade retoma o olor das antigas ameaças. Assim, ler *Camilo Mortágua*, da mesma forma como ler outros textos de Josué Guimarães, é saber que sua literatura se reedita a todo momento em uma história como a nossa, incansavelmente recorrente em suas dores. Não bastasse essa atualização, imanente a 2021, o ano chama a memória do autor em seu centenário. Josué Guimarães, jornalista de profissão, político eventual e escri-

tor na maturidade, foi um homem de posições manifestas, de crítica e indignações constates. As injustiças que via eram a ele demasiadas para que fossem ignoradas. Sua vida e consciência eram mobilizadas para a interferência no estado ruim das coisas. Em 2021, quando o mundo parece arruinar-se, sua presença falta, mas sua obra permanece.

A *Desenredo*, no presente número, homenageia Josué Guimarães, em seu centenário, de certa forma reconhecendo sua importância tanto para a cidade de Passo Fundo, quanto para a UPF. Foi ele o primeiro grande autor a respaldar a ideia de Tania Rösing de organizar um evento literário de grande envergadura, no que viriam a ser as Jornadas Literárias de Passo Fundo. Por seu vínculo com a cidade, seu acervo, o ALJOG/UPF (Acervo Literário de Josué Guimaraes) se encontra desde 2007 sob a guarda do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação m Letras da UPF, sendo espaço de pesquisa de muitos trabalhos acadêmicos. Assim, aqui, nesta edição do periódico do PPGL da UPF, organizou-se um *dossiê* tanto sobre o autor quanto sobre sua realidade quanto à fortuna crítica que também o caracteriza, a de ser um autor que é nome de um arquivo literário. Os trabalhos têm como tema sua obra, resguardando-se um dos estudos do *dossiê* à crítica genética, base conceitual que se articula ativamente às pesquisas realizadas no ALJOG.

Três artigos tratam de um mesmo livro, *Os tambores silenciosos*. Nessa narrativa, sobre uma cidade sitiada pelos desmandos autoritários de um coronel prefeito, a atualidade da trama é evidente. Em “O narrador demoníaco no romance *Os Tambores Silencioso*”, de Marins e Rettenmaier, o estatuto “demoníaco”, atributo apropriado ao herói romanesco moderno, migra para o agente da ação de narrar, o sujeito que conta a história “sobrevoadando” a cidade, como os pássaros negros que invadem o céu de Lagoa Branca. “A invasão dos pássaros em Lagoa Branca: elementos fantásticos em *Os tambores silenciosos* (1976), de Josué Guimarães”, de Vicentonio Regis do Nascimento Silva e Ana Maria Soares Zukoski focaliza a presença dos elementos fantásticos, demonstrando os contornos de denúncia social desses elementos. A ênfase nos estudos sobre essa obra se reafirma na atualidade manifesta da trama, o que em “A presença de Josué Guimarães hoje: atualidade de *Os tambores silenciosos*”, de Maria da Glória Bordini, se manifesta ao se discutirem “a ressignificação dos temas hoje e o metaforismo da obra”.

A literatura para o público jovem é contemplada neste *dossiê*, com o trabalho “Representações de Morte e Recomeço na Literatura Infantil de Josué Guimarães”, de Pedro Afonso Barth. Segundo o artigo, a partir de *A última bruxa*, “Guimarães cria uma história que dialoga com conceitos como morte, vida, eternidade, velhice

e recomeço”. De outra parte, uma pesquisa sobre a escrita jornalística do autor permite, no estudo “Notícias de D. Xicote: a presença de Josué Guimarães no sistema literário da Serra Gaúcha” de João Claudio Arendt e Leticia Lima, que se investigue a presença de Josué Guimarães na imprensa escrita de Caxias do Sul, entre os anos 1950 e 1980, “com vistas a refletir sobre a influência da literatura suprarregional na formação e na consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha”. Vale também o cotejo da obra de Josué com a de Saramago, em “Miticidade e paródia: figurações da Virgem Maria e Maria Madalena no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago e no conto ‘A doce luz verde’, de Josué Guimarães” de André Eduardo Tardivo e Sandro Adriano da Silva, a reflexão acontece a partir de uma leitura paródica do mito mariano.

Tratando sobre os processos de criação, Philippe Willemart, em “Arte e Programas de Inteligência Artificial: GPT-2, GPT-3, Wu Dao 2.0” relaciona o estudo do manuscrito com a inteligência artificial. A partir da roda da escritura, se verifica em que medidas os programas podem seguir ou não a roda da escritura, “duvidando que uma máquina saiba percorrer a roda da escritura como um sujeito humano que dispõe de um cérebro fantástico e de um inconsciente”.

A amplitude dos recortes de análise e as possibilidades de associar tanto a obra de Josué Guimarães com a de outros aurores, quanto de incorporar estudos genéticos à pesquisa em acervo literário, dão conta dos méritos de sua literatura, sempre aberta à releitura e à pesquisa, sempre reeditada pelos contextos intermináveis de tantas (ou de as mesmas) crises.

A seção geral, por sua vez, se inicia com o texto “Escrita e construções de Sentidos: o papel do outro na reelaboração discursiva” no qual os autores Adriana Cavalcanti dos Santos e Wilton Petrus dos Santos, fazem uma discussão sobre relevância do outro no desenvolvimento discursivo do texto em uma perspectiva do Círculo Bakhtiniano. Em seguida, temos o texto “Alfabetização e Letramento: Um Olhar de Professores Alfabetizadores”, escrito por Andreia Julio Rocha, Otília Maria Alves da Nobrega Alberto Dantas e Aldileia da Silva Souza, os quais investigam o processo de alfabetização em uma escola de Roraima a partir da perspectiva dos próprios professores. No texto “Alguns aspectos da leitura no Brasil: comportamentos antigos, alternativas possíveis”, os autores Adauto Locatelli Taufer e Fabiano Tadeu Grazioli analisam os últimos resultados do PISA e do RLB para abordar o fenômeno dos baixos índices de leitura do Brasil a partir do perfil de leitura nacional. Márcia Helena de Melo Pereira e Jaqueline Feitoza Santos assinam o texto “A argumentação no gênero monografia: uma análise na perspectiva da Linguística de Texto”,

no qual refletem sobre o gênero monografia a partir de elementos comunicacionais da sóciorretórica considerando a capacidade de posicionamento do escrevente. Na sequência, o texto “Experiência da escrita: intervenção psicoterapêutica com mulheres em tratamento do câncer de mama”, de Alexandra Verardi Burlamaque e Ciomara Ribeiro da Silva Benincá, aborda a intersecção entre texto, corpo e saúde dando voz às mulheres que estão passando por tratamento oncológico. Encerrando esta edição da Revista Desenredo, temos o texto “A figura da bruxa sob a perspectiva teórica de René Girard, na poesia de Amanda Lovelace”, de Roseli Hirasike e Vera Lúcia Bastazin, que discorre sobre a figura da bruxa na literatura a partir de autores como Campbell e Girard.

Ao mesmo tempo que agradecemos aos autores pelas suas gentis colaborações, desejamos a todos uma ótima leitura!

Miguel Rettenmeier
Organizador

Francisco Fianco
Editor